Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

NEM TÃO DOCE LAR,

limites da reportagem refletidos no cotidiano dos imigrantes econômicos de Salamanca

Aluna: Andressa Anholete

Professor orientador: Marcelo Feijó

1º semestre de 2009

Brasília, 19 de junho de 2009

vejo, sinto, portanto noto, olho e penso.

Para lo bueno y para lo malo, la fotografía se halla actualmente situada entre las bellas artes y los medios. 2

¹ BARTHES, Roland. A câmera clara. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984; p. 21

² Para o bem e para o mal, a fotografía está atualmente entre as artes plásticas e os meios de comunicação. Tradução da autora.
CHEVRIER, Jean–François: La fotografía entre las bellas artes y los medios de comunicación. FotoGGrafía. 2006. p. 207

SUMÁRIO

| Resumop.05 |
|--|
| Palavras-chavep.05 |
| Introduçãop.06 |
| Problema da pesquisap.10 |
| Justificativap.11 |
| Objetivosp.13 |
| Referencial teóricop.14 |
| Metodologiap.30 |
| Conclusãop.37 |
| Referência bibliográfica, videografia, filmografia e outras fontes de consultap.41 |
| Anexos |
| Memória |
| Plano Museológicop.47 |
| Transcrição dos áudiosp.50 |
| Ficha dos personagensp.55 |

DVD

A instalação

Arquivos de sons editados

Fotografias

Salamanca

Personagens

Plano Museológico

Transcrição dos arquivos sonoros

Vídeo Tour

Apoio e patrocínio

Carta de apresentação para apoio e patrocínio

Orçamento da instalação

Projeto para apoio e patrocínio

Artistas que influenciaram

Joan Jonas

Judith Barry

Marcel Duchamp

Imigração na Espanha

Ley de extranjería

Gráficos e tabelas

Principais informes e relatórios

Balance de la lucha contra la inmigración ilegal 2008 Informe encuesta nacional de inmigrantes 2007 (INE) Inmigración y Mercado de trabajo. Informe 2008

Relatório de la ONU sobre la inmigración en España

Clipagem

Ficha dos personagens

RESUMO

Este produto consiste no projeto de uma instalação concebida a partir de uma reportagem fotográfica.

Esta instalação representa o cotidiano doméstico dos imigrantes que vivem na cidade espanhola de Salamanca, articulando os sons e as imagens como elementos comunicacionais. Desta forma, pretendemos discutir os limites e possibilidades da reportagem e estabelecer uma relação entre arte e comunicação de caráter jornalístico.

Como pano de fundo, buscamos entender e mostrar porque os imigrantes estão ali, quais são suas dificuldades, sonhos, alegrias, saudades, enfim, como é viver em lugar em que se é o outro.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação, imigração, instalação, Espanha, fotografia e reportagem

INTRODUÇÃO

Las migraciones constituyen, sin duda, uno de los fenómenos más inquietantes para las sociedades modernas: a la vez que favorecen su desarrollo ponen a prueba sus principios fundamentales. Uno de ellos, la libre circulación de las personas, está en conflicto directo con el derecho de los estados soberanos a preservar sus fronteras y salvaguardar la paz y el bienestar de sus ciudadanos 8 (BLANCO, 2007, p.100)

A migração é uma característica intrínseca ao ser humano. Nos últimos vinte anos este fenômeno ganhou força na Europa, principalmente na Espanha onde até de 2008 residiam 4.274.821⁴ imigrantes legais. Uma das possíveis causas disso é que em território espanhol, ao contrário do que acontece nos outros países da Europa Ocidental, o imigrante que resida no mínimo três anos, entre algumas outras exigências, consegue a residência permanente que lhe garante os mesmos direitos de um espanhol nato.

Outra particularidade espanhola é o fato de que:

los inmigrantes provienen de un número relativamente limitado de países, sobre todo si comparamos a España con otras naciones europeas. El contingente procedente de América Latina es muy importante, así como el de Europa Occidental, Marruecos y el Este de Europa, en particular Rumanía. ⁵

(DOMINGUEZ, GIMENO, REHER, REQUENA, STANEK, 2008, p.136)

Aqui também incluiria o Senegal, local de origen de muitos imigrantes, principalmente

As migrações constituem, sem dúvida, um dos fenômenos mais inquietantes para as sociedades modernas: se por um lado favorecem o seu desenvolvimento, por outro colocam a prova seus princípios fundamentais. Um deles, a livre circulação das pessoas, está em conflito direto com o direito dos estados soberanos de preservar as suas fronteiras e proteger a paz e o bem-estar dos seus cidadãos. Tradução da autora.

⁴ Anuário de Estadistico de Inmigración do Ministerio del Trabajo y Asuntos Sociales de Espanha. 2008

⁵ os imigrantes procedem de um número relativamente limitado de países, sobre tudo se compararmos a

os primeiros a chegarem.

Salamanca – a cidade onde o trabalho foi desenvolvido – não é o maior centro de atração de imigrantes ou com a maior população percentual de estrangeiros na Espanha, mas ainda assim chama a atenção. A cidade de 353.404 habitantes ⁶ faz parte da província de Castilla-León ficando há duas horas e meia a noroeste de Madrid. É conhecida por seu valor histórico, sendo patrimônio histórico da humanidade desde 1988; educacional, tendo a Universidad de Salamanca, a segunda mais antiga da Europa existente desde 1285; e por atrair muitos jovens e universitários tanto pelo prestígio da sua Universidade quanto pelas famosas noites de festa. Não possui grandes indústrias, forte comércio ou mesmo intensa atividade agrícola, mesmo assim atrai um número cada vez maior de imigrantes. Tanto que ao final de 2007 a população imigrante já era de 4,34% ⁷, praticamente o dobro do ano de 2006 (2,37% ⁸).

Diante da distinta realidade proporcionada pela imigração na Espanha, não resisti a tentação de me aprofundar no assunto e buscar entender quando isso começou e como funciona. Mais ainda me intrigava conhecer essas pessoas, saber como é viver em um país desconhecido, trabalhando em subempregos, e como se sentiam com essa situação. O que os levava à universitária, festeira e pouco desenvolvida economicamente Salamanca? Como era viver como imigrante? Perguntas para as quais só encontraria resposta conversando com essas pessoas, vendo onde vivem, o que comem, e do que abriram mão para estarem ali. Curiosidades tipicamente jornalísticas, saber o quê, quando, onde e porque e contar isso para as outras pessoas, afinal a comunicação depende de um emissor e um receptor; a informação precisa seguir adiante.

⁽conti.) Espanha com outras nações européias. O contingente da América Latina é muito importante, assim como o da Europa Ocidental, Marrocos e Leste Europeu, em particular a Romênia. Tradução da autora.

⁶ Revisión del Padrón municipal 2008. INE (Instituto Nacional de Estadísitica)

⁷ 15.355 imigrantes. Revisión del Padrón municipal 2008. INE (Instituto Nacional de Estadísitica)

⁸ 3.691 imigrantes. Anuário de Estadistico de Inmigración do Minist. del Trabajo y Asuntos Sociales. 2007

Como veículo comunicacional dessa reportagem sobre o cotidiano dos imigrantes econômicos ⁹ escolhi trabalhar com uma instalação. Como o professor Luis Humberto diz se a fotografia nasceu para um determinado fim, o homem reformou-a, fazendo dela um instrumento de investigação das coisas à sua volta e de si próprio ⁹ (HUMBERTO, 2006). E foi ela – a fotografia – a minha principal ferramenta para aproximação como os imigrantes e o meu principal suporte na instalação Nem tão doce lar – o cotidiano doméstico dos imigrantes econômicos na cidade espanhola de Salamaca. Mas como acredito que não devemos ter restrições e "purezas" nos meios de comunicação, e sim pensar na melhor maneira de passar a informação, conto ainda com sons e projeções na composição do trabalho.

Nessa instalação, encontramos logo na entrada um corredor "vazio" e negro, ao caminhar por este desconhecido o visitante ouve trechos de músicas senegalesas, marroquinas, latino americanas, depoimentos de homens e mulheres que há tempos saíram de seus países e se aventuraram em busca de um futuro melhor. O corredor é composto por sequências distintas de sons que em certos pontos se mesclam. Durante esses instantes fica quase impossível entender o que se está sendo dito causando certa confusão mental, intensificando o estranhamento inicial de se estar em um ambiente atemporal e sem claras dimensões, intensificando o estranhamento de não saber por onde se caminha, de não ver onde se está pisando. Essa parte da instalação é uma metáfora do que muitos imigrantes sentem ao chegar em um país do qual desconhecem a língua e hábitos culturais, além da incerteza do que será o futuro.

A continuação deste corredor é uma salinha em que o espectador se vê rodeado por projeções de fotos da cidade. Muito mais do que o ar medieval e universitário, Salamanca é apresentada como uma pequena cidade em que se vê o próprio fim, transpirando o ar rural das pequenas e esquecidas cidades. Os quadros contemplativos

⁸ Considero imigrante econômico aquele que migra em busca de trabalho, esteja ele em situação legal ou não. Dessa forma, os estrangeiros que buscam turismo ou mesmo estudo não estão inclusos nessa categoria.

⁹ Revista Fotosite.

e distantes são marcados por seus três quartos de céu que intensificam a sensação de esperança sentida pelos imigrantes. Ruídos de rua, chuva e cochichos completam o espaço que se destina a apresentar a cidade onde vivem os imigrantes.

Por último nos deparamos com uma grande e silenciosa sala com trinta fotografias daqueles que somente esperam dar certo. Caminhando aleatoriamente, o espectador conhece o dentro de casa dos imigrantes, criando relações de semelhança e oposição com sua própria vida ao ver como comem, dormem, cuidam da casa e se divertem. Destaca—se entre as fotografias a série de quatro grandes retratos que encerra a exposição. As fotos são em 60x40cm, sendo a série final em 90x60cm. Em anexo estão as fotografias, a transcrição dos trechos de entrevistas utilizados e o plano museológico da exposição.

Assim como é inegável ser uma reportagem, tenho que admitir o diálogo intencional do trabalho com a arte contemporânea. Cada item da instalação busca ter um sentido. E talvez nada menos artístico e mais comunicacional do que esse querer. Para nós, comunicólogos por primazia, numa exposição de uma grande reportagem cada parte que a compõem tem um porquê e, além do valor estético, procura passar informação. Mas como o trabalho com o conceito de instalação e considerando que estes ambientes (são) para comunicar uma ideia estética, marcando fortemente a recepção do público que entra em contato com o seu trabalho (GONÇALVES, 2004, p.45) a construção do sentido é aberta e necessita da intervenção de quem visita a exposição.

Acima de tudo este trabalho pretende informar, apresentar uma realidade desconhecida por muitos. E busco deixar nos sons, projeções, suspensão de fotos, texturas e nas próprias fotos, sentidos e experiências para serem descobertos e vividos pelo público.

PROBLEMA DA PESQUISA

Escolhido o recorte de trabalhar com imigrantes econômicos, vi que o que mais intrigava era conhecer essas pessoas. Saber seus nomes e histórias. Entender como vivem, onde vivem, com quem moram, se sentem saudades da terra natal. Será que cozinham comidas típicas e ouvem músicas de seu país de origem? Como veem os espanhóis? Trabalham em quê? O quê buscam? Quais os seus sonhos? O que os entristece? Enfim, uma das questões deste projeto é entender melhor como vivem as pessoas que abandonam o seu país de origem em busca de uma vida melhor em Salamanca.

Ao mesmo tempo o projeto se propõem a discutir os limites da reportagem, já que foge da tradicional grande reportagem apresentada por meio de uma matéria especial, série de reportagem, revista ou exposição fotográfica. Essa reportagem é apresentada como uma instalação, a Nem tão doce lar — o cotidiano doméstico dos imigrantes econômicos na cidade espanhola de Salamanca. Nela trabalho separadamente com sons e imagens, tendo os dois como importantes veículos comunicacionais que trazem informações e experiências estéticas diferentes e que tem valor tanto em conjunto como individualmente. Apresentar uma outra forma de transmitir a informação é o grande problema desse trabalho, não deixando de discutir as relações entre arte e comunicação.

JUSTIFICATIVA

A mobilidade do ser humano é uma marca do mundo atual. Com ou sem autorização as pessoas transitam de um país ou outro, sejam apenas como turista ou ainda para se fixarem em outra região, sejam para conhecer e fazer compras ou mesmo estudar e trabalhar.

O deslocamento turístico é bem conhecido por nós brasileiros, já a imigração em nosso país muitas vezes deixa somente a ideia de algo restrito ao início do século XX. Desconhecemos a necessidade do governo promover políticas de integração entre imigrantes e locais, da existência de secretarias estaduais de imigração, casas de acolhida aos estrangeiros e leis específicas para os trabalhadores de outros países. Não sabemos o que é andar nas ruas e distinguir imigrantes dos nascidos ali. O brasileiro comum apesar do fascínio pelas terras hispânicas e do passado tão próximo pouco conhece o atual cenário espanhol, que por sua vez está inundado da temática da migração, tanto que é raro um dia em que não temos uma matéria no jornal falando do assunto (ver a clipagem em anexo). Tudo isso por si já justificaria a execução deste trabalho: um assunto atual que apesar de amplamente explorado no exterior ainda é relativamente novo no Brasil; a vontade e curiosidade em conhecer e entender os imigrantes econômicos; e a necessidade de trazer essa realidade mais próxima dos brasileiros, afinal fazemos parte de todo esse movimento migratório, seja emigrando seja recendo imigrantes.

Porém, conjuntamente com a situação dos imigrantes, me inquietava o conceito de uma comunicação restrita e tradicionalmente fechada a mudanças e novas propostas, por mais paradoxal que possa parecer essa situação. Por outro lado sabemos que a arte pode estar carregada de mensagens e dizer muito ao seu expectador sobre determinado assunto, tanto pelo tema que carrega quanto pela forma em que é apresentada; tanto pelas sensações que passa, quanto pelo o que está "literalmente" dito. Com a inclusão das novas tecnologias e a liberdade que isso trouxe a comunicação, assim como com as manifestações artísticas por meio da arte conceitual, instalações e videoarte, ou seja, com a expansão das formas de comunicação/expressão, a comunicação e a arte convergem em muitos pontos sendo,

na maioria das vezes, pouco explorado pelos comunicólogos – excluo dessa análise o cinema, por ser tanto comunicação quanto arte no sentido mais completo que isso possa ter.

O meu projeto trabalha dentro dos limites da reportagem e das relações possíveis entre arte e comunicação, propondo uma nova forma de apresentar uma reportagem. Nele as informações estão diluídas entre sons, imagens e sensações. Utilizo o ouvir trechos de entrevistas e ver as fotografias dos imigrantes com a mesma importância do sentir a sensação de agonia e insegurança proporcionada pelo caminhar pelo corredor escuro que metaforiza o sentimento da maioria dos imigrantes econômicos ao chegar à Espanha. Tudo isso é comunicar, tudo isso são maneiras de passar a informação.

Esse buscar uma nova forma da comunicação acontecer e trazer a discussão sobre as maneiras pelas quais a informação pode ser expressa também justifica a realização desse trabalho.

OBJETIVOS

Com o meu projeto experimental quero trazer um pouco da realidade viva, intensa e transformadora da imigração e discutir os limites da reportagem através das relações entre arte e comunicação.

Com imagens, sons e projeções vou mostrar o dentro de casa dessas pessoas, como é estar em um país no qual muitas vezes não se sabe a língua, sem amigos e parentes, buscando se estabelecer na Espanha e ainda melhorar as condições de vida de seus familiares em sua terra natal. Dessa forma estarei comunicando dados típicos de uma reportagem de uma outra maneira, trabalhando com uma ideia de uma comunicação que não se limita aos suportes ou purezas para passar a informação do melhor jeito que acredita ser possível.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como tantas veces, el fotoperiodismo servirá para ver y así poder creer, aunque el poder de la imagen nunca llegara a transmitir exactamente lo que significa vivir en la piel de un inmigrante (BAULUZ, 2003, p.279)

Desde Madrid até pequenas províncias como Salamanca a imigração na Espanha é algo visível, sejam nas ruas que agora possuem negros e asiáticos caminhando, sejam nas lojas de produtos chineses ou ainda nas latino americanas pedindo esmola em portas de supermercado. Com a convivência é possível até distinguir de onde são de acordo com as suas roupas. Os jovens marroquinos gostam de calças baixas mostrando a cueca, bonés, correntes com pingentes, e grandes e chamativos cintos que imitam grifes como Dulce&Gabbana e Chanel. Os latino americanos que ouvem rageton se parecem muito com os marroquinos, mas dispensam os cintos. E, sem a menos explicação, quando olhava alguém e achava que era brasileira, seja pelo jeito de andar, mexer no cabelo ou se vestir, dificilmente errava. É claro que não é possível generalizar, que estes são apenas estereótipos e que dentro de cada grupo encontramos uma rica diversidade cultural, no entanto é inegável a semelhança entre algumas pessoas de um mesmo país.

Junto com essa presença, também é notável o estranhamento de muitos espanhóis, principalmente dos mais velhos. Como explica a professora da Universidad Vasca Cristina Blanco *La inmigración obliga a la convivencia cotidiana entre* nosotros *y el* otro diferente, y cuanto más diferente, numeroso y visible sea éste, más aversión y rechazo producirá ¹¹ (BLANCO, 2007, p.106). Não raro vemos olhares de desprezo, má vontade em responder os imigrantes – eu mesma passei por isso no início quando impacientemente senhores espanhóis me informavam sobre um lugar sem ao menos

¹¹ A imigração obriga a convivência cotidiana entre nós e o outro diferente, e quanto mais diferente, numeroso e perceptível ele seja, mas aversão e rejeição produzirá. Tradução da autora.

parar o que estavam fazendo ou olharem em minha direção – e claras manifestações de desprezo com direito à xingamentos. Segundo a pesquisa do Centro de Investigaciones Sociológicas (CSI)¹² de dezembro de 2008 a imigração era a maior preocupação para 21,3% dos entrevistados. Agora, com o agravamento da crise econômica e o aumento do desemprego em 802.800¹³ pessoas somente entre janeiro e março de 2009, esse número caiu para 2,8% na pesquisa do terceiro mês do ano. Ainda assim, a imigração está em quarto na lista dos problemas atrás apenas do desemprego (53,3%), dos problemas de origem econômica (25,6%) e da política e partidos políticos (3,1%).

Como estudante, e ainda mais sendo branca e descendente de europeus, o preconceito que sofri foi mínimo, mas ao conversar com os imigrantes vi o quanto sentiam esse olhar de desprezo. Ismael, marroquino de 18 anos, conta rápido e envergonhado que as pessoas o olhavam estranhamente e que isso o incomodava. A brasileira Thalita de 23 anos chegou a ser descriminada por uma espanhola que disse não dar o emprego porque ela era negra e imigrante.

Claro que para outras pessoas, principalmente os mais jovens, a integração com os imigrantes não é um processo tão sofrível. Vários dos meus personagens se envolveram com espanhóis/espanholas. Rafael, 20 anos e irmão de Thalita, namora Sophia. Ela liga para saber aonde ele anda, controla com quem sai e logo pergunta quem era aquela garota com quem ele conversava e se despedia com um beijo no rosto. Sophia é uma típica jovem espanhola, e diga—se por sinal, muito ciumenta. Com laços bem diferentes dos de Sophia, José, espanhol de aproximadamente 25 anos, faz um trabalho voluntário na paróquia que abrigava dez dos meus personagens. Três vezes por semana José passava o dia com eles e ajudava na coordenação da casa. Além dele, trabalham como voluntários um outro espanhol também na coordenação, e

O CSI é um órgão espanhol que trabalha com pesquisas de opinião. Ele apresenta 31 problemas para que o entrevistado escolha três principais. A primeira vez que a imigração liderou esse ranking foi em setembro de 2006.

¹³ Inmigracición y mercado de trabajo. Informe 2008.

algumas pessoas que davam reforço escolar e aulas de espanhol para os imigrantes.

Por sua vez o governo espanhol se mostra preocupado com a imigração de modo geral, tanto com a chegada de novos imigrantes ilegais como com a integração dos que estão na Espanha. Segundo Zapatero, desde que ele assumiu a cadeira já foram gastos mais de 800 milhões¹⁴ visando a integração por meio de medidas específicas como o conhecimento do idioma e ajudas sociais. Além disso, o governo mantém peças publicitárias em ônibus, *frontligth* e comerciais na televisão incentivando a inclusão e valorização das diferenças. Também são feitos vários estudos sobre os impactos da imigração no país, tanto que informes sobre imigração e mercado de trabalho são produzidos anualmente, e a questão dos estrangeiros está inclusa em praticamente todas as pesquisas de opinião.

O fato é que em pouco mais de uma década a Espanha passou a ser um país conhecidamente receptor, que

tuvo su punto culminante en los años 2002 y 2003 cuando el tamaño del colectivo de extranjeros se multiplicaba por un factor de 1,45 cada año, aunque en términos absolutos las entradas en 2006 y 2007 (datos provisionales) han sido las más numerosas ¹⁵.

(DOMINGUEZ, GIMENO, REHER, REQUENA, STANEK, 2008, p. 136)

Hoje a Espanha tem 11,41% da sua população composta por imigrantes¹⁶, cifra que não deve aumentar muito já que desde o início de 2007 começava uma desaceleração na economia espanhola, agora intensificada pela crise. Em minhas entrevistas percebi isso ao ouvir que antes era mais fácil "fazer dinheiro", chegando hoje a receber 300 euros a menos pelo mesmo serviço, sem contar que tinham maior

¹⁴ Entrevista ao jornal El País realizada por Javier Moreno no dia 07/03/2008

¹⁵ Teve seu ponto culminante nos anos de 2002 e 2003 quando o tamanho do número de estrangeiros se multiplicava por um fator de 1,45 cada ano, ainda que em termos absolutos as entradas de 2006 e 2007 (dados provisórios) tenham sido as mais numerosas. Tradução da autora.

¹⁶ 5.268.762 das 46.157.822 pessoas que vivem na Espanha. Dado do Instituto Nacional de Estadística. Revisión del Padrón municipal 2008.

disponibilidade de emprego. Segundo a EPA¹⁷ o crescimento do número de ocupados em 2007 no setor de construção – uma das áreas que mais emprega imigrantes, ver no anexo no *gráfico 2* em *Gráficos e tabelas* no DVD – foi de apenas 49.900 pessoas, enquanto em 2006 esse número chegava a 129.200. Por sua vez, o número de altas na Seguridad Social caiu em 25.000 entre janeiro de 2007 e janeiro de 2008 ¹⁸, o que mostra que na economia legal a situação é ainda mais complicada, tendo não pequenos aumentos, mas sim decréscimos.

A rápida análise do jornalista Javier Pradera traça um panorama um pouco assustador, mas sem dúvida com possibilidades reais de acontecer:

El deterioro de la coyuntura económica desde el último verano (de julho a setembro de 2008) también alimentaba las sospechas. La población foránea ha alcanzado en España - un país tradicional de emigración - la cifra de cuatro millones (el 10% del total) a causa del ininterrumpido crecimiento de la economía durante casi tres lustros (período de cinco anos). La demanda empresarial en sectores de mano de obra intensiva como la agricultura, la construcción, el turismo y el servicio doméstico creó una amplia oferta para una fuerza laboral no cualificada de inmigrantes africanos, latinoamericanos y europeos orientales mal pagados, carentes de protección sindical y presas de la inseguridad jurídica si carecían de permisos de trabajo y de residencia. Esos invitados a las sobras del banquete bíblico de la fase ascendente del ciclo viven ahora bajo la amenaza de ser despedidos por los demás comensales. Los inmigrantes con los papeles en regla también corren el riesgo de ser expulsados a sus países de origen o a los infiernos de una sobrevenida irregularidad administrativa si el desempleo les hiciera perder los permisos de trabajo y de residencia. 19

(PRADERA, 2009)

¹⁶ e 17 EPA – Encuesta de Populación Activa. Órgão do Instituto Nacional de Estadística (INE) de Espanha que analisa a população ativa espanhola.

A deterioração da conjuntura econômica desde o último verão também alimentavam suspeitas. A população estrangeira alcançou na Espanha – um país tradicional de emigração – a cifra de quatro milhões (10% do total) devido o ininterrupto crescimento de economia durante quase quinze anos. A demanda empresarial em setores de mão de obra intensiva como a agricultura, a construção, o turismo e o serviço doméstico criou uma ampla oferta para a força laboral não qualificada de imigran-

Como tantas mudanças no cenário da imigração na Espanha, isso sem entrar nos detalhes da segunda geração – são os filhos dos imigrantes, pessoas que nasceram na Espanha e no entanto são considerados imigrantes pelos espanhóis e, muitas vezes, também não se identificam com a cultura do país de origem dos pais – , é difícil prever o que acontecerá nos próximos anos. A Espanha parece estar perto de uma situação de equilíbrio entre oferta de trabalho e mão de obra necessária, talvez com mais trabalhadores do que trabalho. E creio que esse processo foi acelerado pela crise econômica mundial.

Atualmente está em análise a reforma na Ley de Extranjería, que entre outros artigos polêmicos está o 53 que qualifica o auxílio financeiro a estrangeiros em situação irregular como infração grave, deixando ONGs e mesmo cidadãos comuns perdidos – para se ter uma ideia, a paróquia em que fiz meu trabalho passaria a ser condenada caso estivesse em vigor essa Lei. Além disso, o governo espanhol endureceu a fiscalização nas fronteiras e criou um plano de incentivo ao retorno aos países de origem dos imigrantes. Nele o governo espanhol paga as passagens e demais despesas do estrangeiro, além de dar-lhe uma ajuda financeira e em troca a pessoa fica proibida de voltar a Espanha por três anos. Nos dois primeiros meses do programa apenas 140.000, das 100.000 esperadas aderiram.

Porém, para garantir o equilíbrio da Seguridad Social espanhola ainda é necessário o trabalho dos imigrantes e é inegável a sua importância para o crescimento populacional na Espanha, tanto pela chegada de pessoas como pelo aumento da taxa de natalidade, sem eles o crescimento seria quase zero (DOMINGUEZ, GIMENO, REHER, REQUENA, STANEK, 2008, p.09). Provavelmente,

(cont.) –tes africanos, latino americanos e europeus do leste mal remunerados, carentes de proteção sindical e presos a inseguridade jurídica se estivessem sem permissões de trabalho e moradia. Esses convidados às sobras do banquete bíblico da fase ascendente do ciclo vivem agora diante da ameaça de serem despedidos pelos demais comensais. Os imigrantes legais também tem o risco de serem expulsos a seus países de origem ou aos infernos de uma volta a irregularidade administrativa caso o desemprego os faça perder as permissões para trabalho e moradia. Tradução da autora.

Artigo publicado no jornal El País do dia 19.04.2009

como diz Miguel Pajares, cuando concluya esta coyuntura y se inicie una nueva etapa de crecimiento volverá a necesitarse mano de obra inmigrada, pero probablemente será en menor volumen, ya que nuestra demografía tiende a que ello sea así. ²⁰ (PAJARES, 2008, p.154).

Entre os anexos estão alguns gráficos sobre o mercado de trabalho espanhol, uma tabela detalhada sobre a origem são os imigrantes de Salamanca (ver tabela 2 em Gráficos e Tabelas no DVD) e a clipagem das matérias sobre imigração publicadas nos quatro primeiros meses de 2009 no jornal El País, que ajudam a compreender melhor a situação da imigração na Espanha.

Toda essa pesquisa em relação ao tema e a longa apuração fizeram com que este conteúdo fosse trabalhado para uma grande reportagem já que enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal, ou menos presente. (MEDINA, 1988, p.115). Tanto que apesar da captação do material ter sido realizada entre março e abril de 2008, o trabalho continua atual. A proposta não é simplesmente noticiar um fato, mas estabelecer uma relação mais profunda entre o espectador e o assunto e que independa do factual em si, já que a vida dos personagens e a imigração continuam mesmo que a Thalita e o Robinho tenham voltado para o Brasil ou que o Kane tenha arrumado um emprego e se estabelecido definitivamente na Espanha.

"O estilo informal atravessa a ofuscante generalidade de crenças, países, empresas, burocracias e especialistas. E as narrativas sobre as vidas de pessoas comuns confrontam as idealizações com os fatos. A verdade está nos detalhes das vidas reais."

(KRAMER, 1995, p. 10).

quando acabar essa situação e se iniciar uma nova etapa de crescimento será necessário novamente de mão de obra imigrada, porém provavelmente será em menor quantidade, já que nossa demografia leva a que seja assim. Tradução da autora.

Para contar esta narrativa, afinal será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem (FERRARI, 1999, p.15) – e enquadro o meu trabalho como uma grande reportagem –, optei por sair da tradicional matéria apresentada em forma de texto corrido que por mais que dialogue com o jornalismo literário e sua visão mais livre da abordagem jornalística, ainda se limita ao bidimensional, na maioria das vezes sendo trabalhado por meio de palavras escritas em revistas, jornais ou suplementos especiais. Ainda a respeito do jornalismo literário, cito outro trecho de Kramer exemplificando esse ir além:

Os leitores entram na viagem traçada pelos autores, que buscam desvendar o inatingível e o usual; a viagem não chega a lugar algum sem a imaginação participativa deles. Para concluir, o que o autor cria não são parágrafos empilhados, e sim seqüências emocionais, intelectuais e até mesmo experiências morais que os leitores possam captar. São experiências empolgantes e marcantes, semelhantes às sensações cinematográficas, e não à simples leitura de um livro. O que essas obras representam não está, definitivamente, no papel.

(KRAMER, 1995, p. 9).

A escolha foi ampliar a "viagem", trocar o leitor pelo público, aproveitar que essas obras estão além do papel e trabalhar com sons, imagens e sensações, apresentando a reportagem por meio de uma instalação – termo amplo que engloba as mais diversas formas de manifestações artísticas desde que vá além de um "simples" quadro ou escultura.

Se na época da revista O Cruzeiro a ousadia estava na nova maneira de pensar a matéria, por meio das:

as imagens (que) libertaram—se das molduras e disposições ortogonais (que formam ângulos retos), podendo transitar com grande liberdade pelo espaço das páginas, ocupando—se por inteiro ou sendo recortadas, montadas ou sobrepostas a textos e desenhos. Se antes eram retângulos isolados no espaço, aos poucos se transformaram em elementos de algo mais elaborado e original, onde entraram em cena as assimetrias, posicionamentos em diagonal e outros esquemas geométricos. Enquanto isso, a palavra e a letra impressa ganhavam liberdade, flutuando sobre a

base e demais elementos significantes da narrativa, sobrepondo—se a eles ou promovendo encontros não usuais, configurando sintomas de importantes inovações no campo do jornalismo ilustrado.

(GAVA, 2006, p.42)

Neste século a experimentação está em trabalhar com a informação de modo além do que já conhecemos, e vejo como um caminho explorar a convergência ente arte e comunicação.

Desde o final do século XIX e início do século XX a arte mudou o seu papel no mundo, deixando de ser meramente representativa para trabalhar em cima de um conceito e valorizar a participação do espectador. Sem essa mudança no que consideramos arte seria impossível falar da sua convergência com a comunicação. Hoje são "normais" trabalhos que quebrem a bi dimensão do quadro como os de Lucio Fontana nos anos 60 e Adriana Varejão nesta década, performances como as de Joseph Beyus, ou ainda obras que exijam a participação do público como as de Helio Oiticica e instalações sonoras como as de Nuno Ramos ²¹. Além de movimentos como o pop art, arte cinética, e a realização de todos os tipos de performances e instalações. Herança a Marcel Duchamp que questionava o que seria arte através do seus ready mades e consequentemente os limites da própria arte. Por meio de obras antes impensáveis como Étan donnes Dados: 1.La cascada, 2. El gás de iluminación que ficou em segredo por 20 anos e só venho a ser montada depois de sua morte, e Grande Vidro (ver anexo xxxx), Duchamp trabalhava com a arte conceitual, instalações e com a necessidade do público para finalizar a obra, já que entendia como fundamental a participação do visitante na construção do sentido:

"El artista no está sólo para llevar a cabo el acto de creación ya que el espectador establece el contacto de la obra con el mundo exterior descifrando e interpretando sus cualidades profundas y en ello añade su

²¹ Joseph Beyus, Helio Oiticica e Nuno Ramos são artistas que trabalhavam com várias formas de manifestações artísticas. Os dois primeiros transitam com tranqüilidade pelos mundos das performaces e instalações, assim como Nuno Ramos também trabalha com esculturas.

descifrando propia contribución en el proceso creativo" 22

(DUCHAMP, 1987)

Ainda sobre o que Duchamp possibilitou à arte, merece destaque a quebra com a tradição retiniana discutida por meio do *Grande vidro*:

Há uma grande diferença entre uma pintura que só se dirige à retina e uma pintura que vai mais além da impressão retiniana – uma pintura que se serve do tubo de cores como um trampolim para saltar mais longe. É isso o que ocorre com os religiosos do Renascimento. O tubo de cores não os interessava. O que os interessava era expressar sua ideia de divindade desta ou daquela maneira. Sem pretender o mesmo e com outros fins, tive a mesma concepção: a pintura pura não me interessa em si nem como finalidade. Para mim a finalidade é outra, é uma combinação ou, ao menos, uma expressão que só a matéria gris pode produzir.

(DUCHAMP, entre 1953-64)

Se dentro do próprio conceito de comunicação já não estivesse a necessidade de expressar alguma coisa, diria, como Duchamp, que a comunicação como um fim não me interessa, o que me importa são as ideias carregadas em cada frase, e, pela ótica de quem analisa o conteúdo ver o como foi feito.

É com essa forma de entender a arte que a comunicação pode se aproximar: uma arte que traz o sentido além da obra e uma comunicação que agrega beleza e sensações à informação. Ao incentivar a separação entre esse dois mundos perdemos todos, a comunicação e a arte que são impedidas de grandes inovações e formas de trabalho, e o público que não recebe novidades nem é estimulado a interferir nessa situação. Como afirma Lúcia Santaella em *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?*:

O artista não está sozinho para finalizar o ato de criação já que o espectador é quem estabelece o contato da obra com o mundo exterior decifrando e interpretando suas qualidades profundas e nela acrescentando a sua própria contribuição ao processo criativo. Tradução da autora.

Alimentar o separatismo conduz a severas perdas tanto para o lado da arte quanto para o da comunicação. Por que perde a arte? Porque fica limitada pelo olhar conservador que leva a consideração exclusivamente a tradição de sua face artesanal. Por que perde a comunicação? Porque fica confinada aos estereótipos da comunicação da massa

(SANTAELLA, 2007, p.07)

Complementado por:

ao desacreditar nessa convergência limitamos o processo criativo de ambos os lados, tanto a arte limita o seu alcance em termos de público e até mesmo de suportes se levarmos essa pureza ao extremo, quanto a comunicação fica trancafiada num mundo em que a beleza e funcionalidade não podem caminhar juntos.

(SANTAELLA, 2007, p.03)

A beleza, ou ainda um modo não tradicional de se trabalhar uma reportagem, atrai o leitor/espectador/público para o assunto, fazendo com que pessoas que passariam direto pelo tema se aproximem e busquem saber do que se fala, e se o meu objetivo é comunicar, espero que seja para um público cada vez maior.

Por enquanto essa convergência acontece muito mais pelo lado da arte. A aproximação através do conteúdo se faz presente em diversos trabalhos como os desenvolvidos pelo espanhol Pablo Alonso, o alemão Michael Najjar e a francesa Lise Sarfati. No trabalho que enchia as paredes do Da2 – museu de arte contemporânea da cidade de Salamanca –, *Nachhut A1: Getroffen/Schannappschuss* (2002), Pablo Afonso se apropriava de notícias e eventos midiáticos para criar painéis que misturavam locais tranquilos com as imagens de terroristas que costumamos ver nos jornais, *la mezcla de hechos históricos com imágenes mediáticas del presente hace las obras más accesibles* ²³ (BORREGO, 2007, p.16). Já os outros dois artistas trabalham com a fotografia, que com diz Jean–François Chevrier se sitúa, sobre todo hoy, entre

²³ a mistura de fatos históricos com imagens mediáticas do presente faz as obras mais acessíveis. Tradução da autora.

las bellas artes y los médios ²⁴ (CHEVRIER, 2006, p.207). Michael Najjar trabalha com informações que recebe através dos meios de comunicação de massa, porém em sua fotografia cria uma nova realidade para esses dados. Na obra *Embedded* (2003) retrata uma jornalista transando com um oficial militar que podemos inferir estar numa guerra, e com isso pretende questionar até onde a mídia pode ir para conseguir sua informação. Já Lise Sarfati trabalha com um *documentalismo tremendamente plástico*, no por ello menos crudo y directo, y que sin embargo va más allá de la ingenua captación de uma verdad inmutable que espera ser aprehendida ²⁵ (DIEGO, 2007, p.72). Para a sua documentação Lise convive por um tempo com a realidade que pretende retratar, com isso sai do simples registro e por meio das suas fotos transmite a compreensão daquele mundo. No entanto o trabalho de Lise Sarfati se diferencia do realizado por fotógrafos como Sebastião Salgado por ser de uma beleza estranha, sua fotografia apreende o espectador não por ser plasticamente bonita, mas por causar um grande estranhamento e inquietação.

Além do conteúdo midiático, arte e comunicação se aproximaram com o desenvolvimento de novas tecnologias. Isso possibilitou à arte trabalhar com elementos típicos da comunicação como o vídeo, filme, projetores de imagens, equipamentos sonoros e fotografia, criando uma arte multimídia que permite as mais variadas instalações e os mais diversos usos da foto – tanto que segundo o professor de fotografia da Faculdade de Bellas Artes da Universidad de Salamanca Victor Steimberg, na Documenta de Kassel de 2007 cerca de 90% dos trabalhos utilizavam a fotografia de alguma maneira, seja como forma de registrar o trabalho, como uma das peças da obra ou tendo a fotografia como um fim em si mesma.

Dentre os trabalhos que mesclam novos suportes e que melhor dialogam com as novas mídias, na minha opinião, está o da americana Joan Jonas (ver anexo no DVD). Ao visitar em dezembro de 2007 a retrospectiva da artista realizada no MACBA (Museu

²⁴ se situa, sobretudo hoje, entra as artes plásticas e os meios de comunicação. Tradução da autora

²⁵ documentário tremendamente plástico, não por isso menos cru e direto, e que, no entanto, vai além da ingênua captação de uma verdade inalterável que espera ser apreendida. Tradução da autora

de Arte Contemporânea de Barcelona) vi uma nova maneira de compreender a particição do público, com destaque para a mistura da pessoa com a projeção criando uma textura diferente e passando sensações distintas tanto para quem tem a projeção sobre sua pele dando a ideia de estar completamente envolvido pelo mundo oferecido pelo artista, como para quem assiste esse processo e que a cada movimento de quem participa da projeção tem uma nova dimensão da obra. Isso além do "simples" uso de vídeos projetados em telas que mostravam o registro de performances da artista em que ela interagia com projeções de imagens, o resultado eram ilusões ópticas que permitiam ver várias imagens ao mesmo tempo. Não é a toa que a sala onde serão projetadas as fotos da cidade em *Nem tão doce lar* terá as quatro paredes cobertas por fotos da cidade, deixando o público mergulhar nessa realidade e nesse mergulho mais do que mostrar a cidade, sentir o estar em Salamanca e brincar com a relação do corpo nesse espaço.

Ainda dentro do trabalho de vídeo arte e instalações que influenciaram diretamente no meu projeto está o de Judith Barrey. Em seu trabalho Voice off (1998-99) Barry divide uma grande sala por meio de uma tela que em cada um dos seus lados projeto um vídeo diferente, em comum existe o áudio que é um só para todo o ambiente. De um lado temos um ambiente onírico, esfumaçado, no qual várias pessoas "cantam", no outro um homem muito agitado que se sente incomodado com o barulho chegando ao ponto de quebrar o apartamento. O som mistura as duas realidades causando um grande estranhamento no público. Como modo de passar de um ambiente para o outro temos uma cortina que se mescla com a tela em que são projetados os vídeos. A primeira vista o espectador acredita que o trabalho se restringe a uma sala, aos poucos percebe a diferença de textura e o movimento e então se sente instigado a ver o que tem atrás da cortina, encontrando na outra projeção o motivo dos sons que lhe eram estranhos. Em meu trabalho a divisão entre a sala com projeções de fotos de Salamanca e as fotografias dos imigrantes também se dá por uma tela que possui cortinas em suas laterais pelas quais o visitante adentra na realidade dos imigrantes; a opção por cortinas que recebem projeções foi para intensificar a ideia que uma coisa está diretamente ligada a outra, sendo diferentes situações de uma mesma realidade.

Já a comunicação dentro do meio jornalístico tem buscado maior diálogo com a arte somente pela aproximação com a literatura. Tanto que ao analisar essa relação Christiane Costa afirma ser a mudança de suporte o fator determinante para enquadrar um texto como conteúdo literário:

Hoje o status de ficcional ou factual depende de um contrato implícito. No caso do jornalismo, o de narrar um fato verdadeiro. No da literatura, o de privilegiar a imaginação e a concepção estética. Mas a exclusão de conteúdos não ficcionais do conceito de literatura pode interferir profundamente na forma de recepção de um texto. Às vezes, basta mudar seu suporte material. Com isso, uma reportagem pode ganhar status literário quando impressa em livro.

(COSTA, 2005, p.203)

O que proponho com meu trabalho é uma nova maneira de ver a reportagem, acreditando que En las actuales circunstancias políticas y culturales, el reportaje podría repensarse como un modelo posible que articulara el arte y la información ²⁵ (CHEVRIER, 2006, p.221). Trabalhar com a fotografia dentro disso facilita o processo, pois es realista y porque su realismo, entre las bellas artes y los medios de comunicación, le permite evitar las categorías ideológicas instituídas ²⁶ (CHEVRIER, 2006, p.25).

Desde o seu princípio a fotografia flertava com a arte, tanto que que desde meados do século XIX a fotografia participava de Salões de Arte na Europa e também no Brasil. No entanto seu reconhecimento dentro da arte contemporânea se deu somente em 1977 na Documenta VI de Kassel, em que a fotografia foi considerada meio artístico independente, com grande potencial artísitico (HONNEY, 2005, p.671). Nesse ano, a Documenta saiu da sua tradição de apresentar somente arte contempo-

Nas atuais circunstâncias políticas e culturais a reportagem podia repensar-se como um modelo possível que articule a arte e a informação. Tradução da autora.

é realista e porque seu realismo, entre as arte e os meios de comunicação, lhe permite evitar categoria ideológicas instituídas. Tradução da autora.

rânea para contar toda a história da fotografia por meio de obras de grandes fotógrafos como Stiegliz, Strand, Sander, Rodchenko, Abbott, Evans, Capa, Cartir-Bresson, Brassai, Atget e Arbous.

Ainda que este prestígio artístico tenha vindo somente nos anos 70, antes vários fotógrafos já trabalhavam na fotografia tendo—a somente como arte, como Lázsló Moholy—Nagy e Man Ray nos anos 20. Outros, com estilo mais documental, tiveram seus trabalhos oosteriormente considerados arte como os de Atget, Margareth Cameron, Evans, Cartier—Bresson só para citar alguns poucos, e os que já surgiram meio arte meio comunicação como os realizado pro Miguel do Rio Branco e Sebastião Salgado. A fotografia tem a capacidade de alinhar informação e beleza num mesmo patamar, sendo impossível colocá—la somente como comunicação ou somente como arte.

Creio que grande parte dessa dificuldade em discutir esse assunto venha do encantador paradoxo da fotografia em que ela ao mesmo tempo ainda trabalha como prova de uma realidade, mas que sabemos que a realidade encontrada na fotografia é um recorte do mundo "real" feito pelo fotógrafo.

o reconhecimento de sua natureza fragmentária retira—lhe a confiabilidade como testemunho inequívoco de um acontecimento, pois permite, no ato do registro, a supressão de dados fundamentais, o que comprometeria seu valor documental. Todavia, essa mesma fragmentação é a origem de um potencial inesgotável para a obtenção de imagens que, pinçadas de uma mesma realidade, podem, por seu poder de síntese, proporcionar visões reveladoras e surpreendentes.

(HUMBERTO, 2006, texto de abertura de galeria no Fotosite)

Esses processos de criações de realidade é uma das coisas mais fascinantes da fotografia. Temos a realidade "real" a qual só o fotógrafo tem acesso por ser a realidade que origina a foto e que podemos apenas inferir ao vermos os registros fotográficos, seria o que está além da imagem – segundo Boris Kossoy, a primeira realidade. Temos a realidade da imagem, que é o que está no iconográfico da fotografia – a segunda realidade. E ao meu entender podemos ter ainda uma terceira

realidade, que seria a interpretação do leitor, a construção que ele faz do que seria aquele acontecimento e aquelas pessoas presentes na imagem.

Em ambas as etapas, seja na elaboração da imagem, quando do momento de sua concepção/construção/materialização pelo fotógrafo diante de seu tema. Seja durante a trajetória dessa mesma imagem ao longo do tempo e do espaço, quando apreciada, interpretada e sentida pelos diferentes receptores, não importando qual seja o objeto da representação – ou qual seja o vínculo – que possa eventualmente existir entre o receptor e essa representação –, haverá sempre um complexo e fascinante processo de criação/construção da realidade.

(KOSSOY, 1996, p.44)

Essa multiplicidade de interpretações que a fotografia proporciona foi fundamental para escolhê-la como suporte principal do meu trabalho.

Todo esse processo de criações de realidades é intrínseco à fotografia, da mesma maneira que é inegável que ela é um registro e necessita de um referente para existir. De uma forma ou de outra é verdade o que afirma Annateresa Fabris: Se as fotografias ajudam a vencer uma guerra ou a despertar a consciência crítica em relação a ela é porque a sociedade lhes confere o status de registro de verdade, por acreditar que é a própria realidade que se imprime na superfície da imagem (FABRIS, não consta o ano, p.05). Mesmo que pessoas saibam que a Espanha tem muitos imigrantes e grande parte deles são ilegais, e que, de modo geral, não é fácil a vida deles, é diferente quando vemos quem são essas pessoas, quais são os seus olhares, onde vivem e que comem. O simples ato de ver faz com que seja real e possibilita a mudança das ações em relação ao fato. Vivemos imersos numa cultura visual tão forte, que não raro a literatura faz referências ao ver, tendo trechos que se encaixam perfeitamente no que foi discutido acima, como o encontrado no livro Eles, de Caio Fernando Abreu: a partir do momento em que você vê, mesmo involuntariamente, você está perdido: as coisas não voltarão a ser mais as mesmas e você próprio já não será o mesmo.

Dentro da fotografia alguns trabalhos foram fundamentais como referência visual para mim. Em relação as fotos do cotidiano doméstico dos imigrantes foi

impossível ignorar o ensaio sobre o dentro de casa feito pelo professor Luis Humberto. Sua câmera próxima e íntima foi inspiração para buscar o máximo de proximidade com os personagens, para que assim como nos sentimos dentro da casa de Luis Humberto, o público se sentisse dentro da vida desses estrangeiros. Outra referência visual fundamental em relação ao dentro de casa foi o fotógrafo Richard Billingham, nele no lugar da beleza e alegria das fotos de Luis Humberto encontrei imagens que beiram o grotesco, que prendem o espectador pela simplicidade do cotidiano e muitas vezes pelo rechazo que chegam a causar. Billingham fotografou a intimidade de sua família, composta por um pai alcoólatra e uma mãe fumante; um trabalho muito forte e, para mim, impactante, que me fez perceber que a proximidade pode ter uma carga emocional muito forte e até negativa. As cores de Walter Firmo e Luiz Braga, assim como a delicada e contratada luz de Walter Carvalho e Miguel do Rio Branco também foram fundamentais na criação do meu imaginário visual e, consequentemente, suas influências estão refletidas em meu trabalho.

Já para as minhas fotos da cidade de Salamanca busquei manter uma série por meio da constância formal. As sete fotos possuem basicamente o mesmo diafragma – com variação de um ponto –, ISO baixo – 200 ou 400 – tendo sua compensação no obturador, e composição com três quartos de céu, buscando sempre um céu expressivo, que como já foi dito, serve como metáfora de esperança e liberdade. Além disso, busquei um ponto de vista relativamente neutro que desse a sensação de amplitude. Essa repetição faz clara referência à escola alemã dos Becher e seus "dicípulos", principalmente Candida Hoffer e os primeiros trabalhos de Thomas Ruff.

Busco em meu trabalho sintetizar uma das formas de convergência entre a comunicação de caráter jornalístico com a arte. Até porque, como lembra Santaella, são nas instalações fotográficas e nas esculturas fotográficas, que se tornaram tão proeminentes na arte contemporânea, o campo da arte e o campo da fotografia tornam—se indiscerníveis. (SANTAELLA, 2007, p.25). Na instalação Nem tão doce lar trabalho com fotografias, arquivos sonoros e projeções para passar a informação que se só torna completa quando juntamos igualmente o sentir, ver e ouvir.

METODOLOGIA

"Na verdade, a produção de cada um de nós é decorrente de um universo e referências – todas bem determinadas – que se recombinam de modo inconsciente, temperadas pela decantação de nossa vivências e pelos desejos e expectativas formandos em nosso espírito, mutável o tempo todo pelas circunstâncias que nos envolvem.

(HUMBERTO, 2000, p.99)

Reconhecida a curiosidade sobre a imigração na Espanha, busquei na mídia espanhola informações sobre o assunto. Além das notícias em si, o ato de ler as matérias despertou uma inquietação com a forma como a mídia espanhola cobre o assunto. De modo geral, eles não tratam os imigrantes como indivíduos, centrando nas questões da (a) chegada dos imigrantes, principalmente embarcações ilegais e novas rotas, (b) quadrilhas de documentos falsos, (c) a violência e os delitos cometidos pelos imigrantes, (d) a violência e os delitos cometidos contra imigrantes, (e) dificuldades de integração entre espanhóis e pessoas de outras nacionalidades, (f) a segunda geração de imigrantes, e (g) os ganhos econômicos gerados pelos imigrantes, com destaque para a garantia do sistema previdenciário espanhol por mais alguns anos. Isso pode ser conferido nas clipagens dos quatro primeiros meses de 2009 que estão em anexo.

Porém, nem todos esses assuntos recebem destaque nos noticiários, sendo diferente a forma como trabalham se o *lead* é "favorável" aos espanhóis ou aos imigrantes. O professor Teun A. Van Dijk, da Universidade Pompeu Fabra, concluiu em seu estudo que:

los artículos de prensa que tratan sobre el delito y la violencia de los Otros (tales como alborotos urbanos definidos como disturbios raciales) tienden a aparecer en las portadas, en la parte superior de la pagina, con artículos extensos, utilizando grandes titulares y con fotografías destacadas en las Ellos son representados como agresivos y Nosotros (nuestra policía) como las víctimas. Frente a ello, nuestro racismo o el acoso a los negros por parte de nuestra policía apenas saldrán en un lugar no tan relevante y tenderán a ser relegados a las páginas interiores, a artículos menos

Essas notícias tem efeito na construção do imaginário coletivo espanhol. E mesmo sendo verdadeiras, podem influenciar negativamente na população, como acredita a professora Cristina Blanco:

Son ambos, hechos e imágenes, elementos propios de la realidad real, que, seleccionados, extraídos y agrupados, forman una realidad imaginada bien diferente de la real, no porque no contengan elementos de verdad, que los tienen, sino porque, al fragmentarla, no respetan su autentica configuración, alterando así su verdadero significado. ²⁸

(BLANCO, 2007, p.108)

Tendo tudo isso como motivação escolhi trabalhar com o tema dentro do que consideramos a grande reportagem no jornalismo, tendo um longo tempo de apuração, ouvindo os imigrantes e participando das suas atividades diárias, o que resultou num trabalho mais pessoal e subjetivo. Junto com a diferente abordagem, optei por apresentar a matéria em um suporte pouco convencional, a instalação. Com ela pretendo informar também por meio do sentir, colocando o visual, sonoro e sensorial num mesmo patamar, e assim apresentando uma nova forma de trabalhar com a informação.

Todo o trabalho foi feito tomando cuidado para não passar uma imagem ence-

²⁷ Desse modo, os artigos da imprensa que tratam os delitos e a violência dos *Outros* (tais como desordens urbanas definidas como distúrbios raciais) tendem a aparecer nas manchetes, na parte superior da página, com textos extensos, utilizando fortes títulos e com fotografías destacadas em que *Eles* são representados como agressivos e *Nós* (nossa polícia) como as vítimas. Frente a isso, nosso racismo ou a hostilidade aos negros por parte da nossa polícia sairá em lugar menos destacado, e tenderá a ser destinado às páginas interiores, a artigos menos importantes e sem ênfase nos títulos. Tradução da autora.

²⁸ São ambos, fatos e imagens, elementos da realidade, que, selecionados, extraídos e agrupados, formam uma realidade imaginária bem diferente da real, não porque não tenham elementos verdadeiros, porque os tem, mas porque, ao fragmentá—la, não respeitam sua autêntica configuração, alterando assim seu verdadeiro significado. Tradução da autora.

-nada da vida dos imigrantes, ao mesmo tempo que sabia que a simples presença de uma pessoa estranha ao grupo já altera o comportamento, assumindo que o meu olhar já é um recorte na realidade e que a fotografia propõe múltiplas interpretações dentro do seu iconográfico.

A instalação Nem tão doce lar – o cotidiano doméstico dos imigrantes econômicos na cidade espanhola de Salamanca é resultado de oito meses de vivência em terras espanholas, sendo dois deles inteiramente dedicados à captação do material.

Se a execução propriamente dita das fotografias durou cerca de oito semanas, o trabalho de pesquisa começou muito antes e ainda não acabou. Desde que cheguei em Salamanca, em setembro de 2007, fiquei fascinada em perceber a diferença entre imigrantes e locais; curiosa em saber o que aquele grupinho de latinos conversavam, em como era para um marroquino ver mulheres com colo a mostra ou o quê fez com que com que tantos brasileiros abandonassem o nosso país tropical viver na terra das touradas. Logo no início comecei a ler sobre imigração, sin pausa pero sin prisa como dizia o sucesso de Melendi mais tocado na época pela rádio Europa FM, mas entre o buscar informação sobre o assunto e definir um projeto muitas dúvidas e ideias megalomanícas passaram pela minha cabeça, indo desde trabalhar só com um grupo de imigrantes até fazer uma comparação entre as lojas chinesas de quase toda Europa.

Paralelamente a esse processo fui buscando referencias visuais ligadas ao cotidiano e imigração através de filmes e trabalhos fotográficos. Ao vermos o caráter multimídia do projeto é inegável a influência da arte contemporânea, conseqüência direta das matérias que cursava na época na Universidad de Salamanca — teoría del arte contemporânea e teorías artísticas de la modernidad, na qual conheci Duchamp — e da visitação à vários museus de arte contemporânea antes de iniciar o projeto como o Da2 em Salamanca, Gugenhein em Bilbao, Pompidou em Paris e o Macba (Museu de arte contemporánea de Barcelona) em Barcelona, e também de exposições como a retrospectiva do Hélio Oiticica e a instalação nos vitrais da Pinacoteca de São Paulo de Beatriz Milhazes já na conclusão do projeto de exposição.

Nesse processo foi fundamental a ajuda do orientador Marcelo Feijó, feita por email devido a distância, e de alguns amigos que com suas dúvidas, implicâncias e

questionamentos me fizeram refletir e reestruturar várias vezes o projeto.

Aos poucos, defini que o foco seria conhecer melhor poucas pessoas com maior aproximação e cumplicidade, e que o melhor cenário para isso seria a casa delas – o que também evitaria transtornos já que muitos são imigrantes ilegais e não permitiam conhecer o seu ambiente de trabalho. Então no lugar da diversidade, foquei em três grupos: uma paróquia que possui uma casa de acolhida com cerca de doze imigrantes para os quais garante emprego, moradia e alimentação; um grupo de oito brasileiros de Uberlândia, e um senegalês que dividia apartamento com dois compatriotas. Alguns desses encontros foram obras do destino como quando descobri que meus vizinhos eram brasileiros; outros decorreram de vias sacras em associações de apoio como Cáritas, ou ainda de um amigo que conhece alguém que trabalha com imigrante. Já na escolha dos "personagens" os critérios foram os países de origem, se trabalhavam, se estavam legalmente na Espanha, abertura para falarem de si e um pouco de afinidade.

Distante do perfil tradicional de entrevistadora que deve manter distância do entrevistado e não se envolver na realidade retratada, procurei estabelecer uma relação de proximidade e confiança para entender melhor como vivem e os deixar a vontade com minha presença. A imigração, principalmente a ilegal, é um assunto delicado sobre o qual muitos dos envolvidos relutam em falar, por isso foi preciso uma abordagem lenta, aparentemente despreocupada e muitas vezes baseada numa espécie de troca em que valia contar a minha origem, o que fazia em Salamanca, como era a minha vida no Brasil... Ademais, antes de fotografar necessariamente, tive um ou dois contatos somente de conversas em encontros de duravam até 3h – média que se manteve em praticamente todos os 16 momentos que tive como cada grupo – para que os personagens se acostumassem com a minha presença; ao longo dos meses de trabalho também tiveram outros encontros nos quais praticamente não fotografei. Isso era necessário para evitar as fotos pousadas, já que para mostrar como vivem essas pessoas me interessava trabalhar com fotografias espontâneas.

Foram em conversas ao pé da cama, tomando um chá, brincando de "palitinho", jantando ou até mesmo em festas, muitas delas recheadas de fotografias e sempre cheias de saudades, que aprendi um pouco quem são essas pessoas, quais eram as

suas histórias, o que as levou para Salamanca e o que esperam do futuro. Tanta informação era impossível reter somente na memória, sendo necessário o uso do gravador de voz – já utilizado com a preocupação de garantir qualidade sonora para o uso dos sons na instalação. Tanta emoção era impossível reter completamente em imagens, nem sempre conseguindo que o "instante decisivo" se eternizasse. E tem coisas que são impossíveis de se apreender, como a alegria deles em receberem fotos que fiz exclusivamente para mandarem para a família, o silêncio de quem evita falar do passado, a gagueira de quem busca a palavra desconhecida em espanhol, a dificuldade dos marroquinos em escrever em nosso alfabeto e o quanto achavam engraçado a dificuldade que eu tinha em escrever meu nome em árabe, a curiosidade, a música, os risos soltos, o cheiro e os olhares que posso guardar apenas na minha memória.

Em relação as fotos da cidade, foram escolhidos locais em que fosse possível ver o final da pequena Salamanca. Mais do que o lado medieval, me surpreendia muito chegar ao final da cidade, ver que aquele é o último poste, que depois da estação de trem não há casas ou simplesmente estar num lugar alto no centro da cidade e ver onde acabam as construções. Os quadros dessas fotografias são mais formais, com quase três quartos de céu; essa escolha foi feita considerando o céu um símbolo esperança e liberdade exatamente o que os imigrantes buscavam ao ir para lá. Para conseguir um céu plasticamente interessante, as fotos foram feitas durante o por do sol, valorizando as formas e cores que o frio e a seca proporcionavam.

Todas as imagens foram captadas em digital no formato raw – podemos considerar o arquivo em raw como um negativo da fotografia analógica, já que traz a imagem sem qualquer compressão ou alteração – e sem o uso do flash. A opção pela ausência do flash se deve a vontade de dar um ar mais íntimo, mas próximo aos imigrantes, tendo a ausência de luz e os pequenos nuances de tom como elementos fundamentais para a compreensão da realidade. Já a escolha pelo raw foi para facilitar o tratamento das fotos que se deu em pequenas alterações de temperatura de cor e acertos de luz.

Encerrada essa etapa, foi a hora de organizar o material recolhido. A parte

fotográfica foi a que menos deu trabalho – talvez por sentir mais prazer em fazê–la. As fotos já estavam separadas em dois grande grupos: Personagens e Salamanca. Dentro deles haviam subgrupos, os do primeiro eram paróquia, brasileiros e senegalês, e os do outro estavam relacionados com o local de cada foto como Facultad de Bellas Artes, Perto do Da2 e Estação. Além da divisão por assunto os arquivos também estavam separados por data desde o primeiro momento. Ainda na Espanha fiz algumas pré seleções para saber o que era necessário fotografar mais e fui dividindo o material em outras pastas relacionadas ao que era retratado nas fotos como comida, retratos e ambientes. Depois de um período de distanciamento, necessário para reavaliação do material, fiz a primeira "edição final" que foi lapidada junto com o orientador Marcelo Feijó chegando ao material que apresento hoje.

Da mesma maneira, os arquivos sonoros já estavam previamente classificado na Espanha, tendo cada um deles o nome do personagem e a data em que foi produzido. Ao todo foram 5h42m11s de material de áudio, que depois de editados resultaram em 52 arquivos num total de 14m52s a serem usados na instalação. O critério para a edição foi usar pequenos trechos que resumam bem situações e sentimentos dos imigrantes, indo desde frases como "Tu país es siempre tu país" e "É nós na Espanha" até histórias inteiras como "quando eu tava desempregado eu já tentei virar garoto de programa, mas não tive coragem. Até cheguei a colocar anúncio. Tava desesperado, não tinha dinheiro para nada, vida própria... e tava cansado já de ficar sem dinheiro. Nunca imaginei que eu ia fazer isso." e trecho de músicas senegalesas, latinas e brasileiras. A transcrição de todos os trechos editados devidamente identificados estão em anexo.

A última fase do projeto, e que ainda não está concluída, é a produção da instalação. Como foi dito na introdução, já está definido o formato das fotografias, como funcionará a interação entre os ambientes, e com a ajuda de Adriana Seixas – amiga pessoal e aluna de arquitetura da UnB – o plano museológico já está pronto. O projeto para apoio e patrocínio também está concluído (ver anexo no DVD) e inclusive já foi entregue para algumas pessoas. Pretendo ainda inscrever a Nem tão doce lar – o cotidiano doméstico dos imigrantes econômicos na cidade espanhola de Salamanca em editais como o da Caixa Cultural, Itaú Cultural e do Centro Cultural do Banco do

Brasil já no segundo semestre de 2009, e no FAC (Fundo de Apoio a Cultura do governo do Distrito Federal) no início de 2010; para tanto estou finalizando o projeto e o adequando as particularidades de cada edital.

CONCLUSÃO

Impelido por seu desejo pelo novo, o homem busca o desafio da criação. Navega em rumo ao sonho e à fantasia, à procura de rotas que o retirem da mesmice cotidiana e façam-no alcançar um sentido maior para a vida.

(HUMBERTO, 2000, p.105)

Ao chegar ao final do meu projeto tenho a impressão de que estou apenas começando, por mais clichê que isso possa aparecer. E paradoxalmente, concluí-lo é estranhamente natural, principalmente porque acredito que o projeto de conclusão de curso de graduação seja uma das maneiras de descobrir o que se quer e gosta de estudar para futuramente aprofundar as pesquisas.

Ainda assim, considero como resultados principais do meu trabalho: (a) o projeto da instalação, (b) a pesquisa em torno dos limites da reportagem e a aproximação entre arte contemporânea e comunicação jornalística, (c) o conhecimento da realidade da imigração na Espanha e o seu histórico sobre o assunto, e (d) o crescimento pessoal resultante da convivência com essas pessoas.

O projeto da instalação Nem tão doce lar está pronto, de modo que com o videotour ou o plano museológico se pode saber exatamente como vai ser o trabalho. Ademais, com as informações e dados recolhidos o projeto também está pronto para participar de qualquer edital para finalização (montagem) do trabalho, sendo necessárias apenas pequenas adaptações de acordo com cada edital; esse é um aspecto muito importante já que com isso as possibilidades da instalação se tornar plena e cumprir o seu objetivo são bem maiores. Uma instalação só tem sentido quando materializada, quando tem público e as pessoas caminham por seus espaços, ouvindo, vendo, sentindo e vivendo as diversas experiências oferecidas. Um trabalho de comunicação só tem razão de existir depois de passar a sua mensagem, e dessa forma o meu

projeto só será realmente completo depois de mostrar um pouco da realidade vivida pelos imigrantes econômicos em Salamanca ao público brasileiro.

E se a instalação só será finalizada depois de montada e visitada, os estudos sobre a relação entre arte contemporânea e jornalismo estão apenas começando. Ao pesquisar o assunto encontrei pouquíssimas referências. Muito se fala sobre a interseção de conteúdos nestes dois mundos e do trabalho de vários artistas que utilizam meios tipicamente comunicacionais como vídeos, fotografias, projetores, para realizar os seus projetos. Por outro lado, quase nada temos sobre como a reportagem absorve ou se deixa influenciar pela arte, no máximo encontrei textos que discutiam a aproximação da reportagem com a literatura. Porém, com todas as mudanças vividas pela arte no século XX e o desenvolvimento das novas tecnologias, muita coisa pode ser feita e pensada no sentido de acrescentar maneiras diferentes de se apresentar a informação. Infelizmente, até agora as propostas mais ousadas estão no fundo da gaveta.

Com a minha instalação tentei mostrar uma nova maneira de trabalhar com conteúdos jornalísticos que além do ver e/ou ouvir, trabalhe também com o sentir, afinal a comunicação é dinâmica e devemos sempre pensar em novas formas de trabalhar e despertar o interesse do público para um conteúdo noticioso. Acredito que consegui, ao menos, levantar essa discussão com meu projeto.

Além disso, a arte é uma experiência representativa tanto para quem cria como para quem "assiste/participa" do produto. Como diz o professor Luis Humberto:

A arte é libertadora porque é conhecimento. Conhecimento sobre nós mesmo como indivíduos e sobre o outro na medida em que nos permite a percepção de outros caminhos de investigação de sentido para a própria vida.

(HUMBERTO, 2000, p.17)

Mais do que uma maneira diferente de se ver o mundo, a arte pode

proporcionar ao jornalismo um outro tipo de conhecimento, intensificando o subjetivo hoje já despertado por um texto mais envolvente ou uma fotografia emocionante. A arte pode fazer com que pessoas que nunca iam se interessar por um assunto passem a buscar maiores informações sobre o tema, querendo aprofundar o que ficaram sabendo numa instalação ou mesmo exposição comum.

Além das discussões possibilitadas por este trabalho, o próprio fazer foi muito importante para mim. Conviver com essas pessoas me deu uma nova noção de mundo, no qual as fronteiras são muito mais do que divisas entre os países, são a diferença entre o viver e o sobreviver, são a oportunidade de pagar uma faculdade para os filhos ou conseguir dinheiro para comprar uma casa ou ainda a chance de abrir um negócio, que pode ser um carrinho de hot dog como desejava André. Estar entre esses imigrantes me fez parecer normal todas as pessoas comerem em um mesmo prato, como é a tradição do Senegal e da Nigéria, ou ter diplomas de cursos superiores e trabalhar no campo, indústrias de carne ou serviços domésticos. Normal, sem dúvida, mas ainda curiosos e não completamente compreendido.

Na verdade voltei da Espanha ainda mais curiosa! O tema da migração me fascina e pretendo estudar mais o assunto, agora pela vertente da segunda geração, buscando entender como se sentem esses espanhóis com cara de árabes, bolivianos e romenos, e que muitas vezes não se sentem em casa na Espanha nem no país de origem dos seus pais. Um outro lado da imigração que queria aprofundar são as regiões de chegada dos imigrantes, vendo onde se escondem, como entram no país, como vivem, como é o seu trabalho — em grande maioria das vezes esses imigrantes trabalham nas colheitas da época e vivem amontoados em pequenas casas. Por enquanto isso são apenas ideias que talvez depois de amadurecidas podem render a continuidade do projeto.

"Experimentar implica em risco, ousadia e medo. É a construção de um acervo sensível, pelo acúmulo de vivências amadurecidas que são a base de onde lançamos para as nossas constantes e necessárias transformações."

(HUMBERTO, 2000, p.30)

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA, VIDEOGRAFIA, FILMOGRAFIA E OUTRAS FONTES DE CONSULTA

LIVROS

ANDRADE, Rosane de: Fotografia e Antropologia, olhares fora-dentro. São Paulo, 2002.

BOURRIAUD, Nicolas: Post producción: La cultura como escenario: modos en que el arte reprograma el mundo contemporáneo. Adriana Hidalgo editora.

BARTHES, Roland: A câmera clara. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret: Balinese character - a photo analysi, 1942

CALLEJA, José Maria: ¿Qué hacemos con los inmigrantes?. Espasa Calpe. Madrid. 2006

CHEVRIER, Jean-François: La fotografía entre las bellas artes y los medios de comunicación. FotoGGrafía. 2006

COSTA, Christiane: Pena de Aluguel. Companhia das Letras. 2005.

CUEVAS, F. Javier Panera: Emociones formales – Reflexiones sobre el "inconsciente pictórico" en la fotografía contemporánea. Publicidad y Marketing Bi. Junta de Castilla y León, 2004

DUBOIS, Phillippe: O ato fotográfico. Campinas: Papirus, 1994

ESTEVES, Rosa: O olhar do artista na lente do fotógrafo. IN Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fotografia, 1998.

FARIA, Luís de Castro: O antropólogo e a fotografia. IN Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fotografia, 1998.

FEATHERSTONE, Mike: Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade. Editora Vozes. 3ª edição. 1999

FELDMAN-BIANCO, B. e Moreira Leite, M.: Desafios da Imagem - fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais. Papirus Ed. Campinas, 1998

FREUND, Gisele: La fotografia como documento social. Barcelona: Gustavo Gili, 1974

FRICKE, Chistiane; HONNEF, Klaus; RUHRBERG, Karl e SCHNECKENBURGER, Manfred. Arte del siglo XX volume I y II. Ed. Taschen. 2005.

GAVA, Josñe Estevan: Momento Bossa Nova. Annablume. 2006

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo: Entre cenografias – o museu e a exposição de arte no sáculo XX. EdUSP. 2004.

HERZOG, Tamar: Vecinos y extranjeros – hacerse español en la edad moderna. Alianza Editorial. 2006

HUMBERTO, Luis: Poética do banal. Ed. UnB. Brasília. 2000

IGATUA, Juan José y MUÑIZ, Carlos: Medios de Comunicación, inmigración y sociedad. Ediciones Universidad de Salamanca. 2007. Salamanca, Espanha.

JIMENEZ, J (org): El nuevo espectador. Fundación Argentaria - Visor Dis. Madrid. 1998

KOSSOY, Boris: Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. IN SAMAIN, Etienne: O Fotográfico. Editora HUCITEC, CNPq. São Paulo, 1998.

Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial;

KRAMER, Mark. Regras rompíveis do Jornalismo Literário. 1995. p.10. Disponível em: < http://www.textovivo.com.br/seminario/nota07.htm>.

LOPES, Denilson: Do entre-lugar ao transcultural. Mimeo, Soncine. 2006

MEDINA, Cremilda de Araújo: Notícia: um produto a venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. Summus. 1988.

MORAES VON SIMSON, Olga Rodrigues: Imagem e memória. IN SAMAIN, Etienne: O Fotográfico. Editora HUCITEC, CNPq. São Paulo, 1998.

MUÑIZ,Carlos e IGARTUA, Juan José: Medios de comunicación, inmigración y sociedad. Ediciones Universidad de Salamanca. España. 2007

NOVAES, Sylvia Caiuby: O uso da imagem na Antropologia. IN SAMAIN, Etienne: O Fotográfico. Editora HUCITEC, CNPq. São Paulo, 1998.

PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp ou o Castelo da pureza*. Editora Perspectiva. 3ª edição 2ª reimpressão. São Paulo. 2007

RIBEIRO, Cleodes M. Piazza Júlio; TRENTIN, Ari; POZENATO, José Clemente: A mudança do olhar: a fotografia como instrumento de regaste da memória culural. IN Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fotografia, 1998.

Vários autores: Fotografia e os olhares sobre a cultura. IN SAMAIN, Etienne: O Fotográfico. Editora HUCITEC, CNPq. São Paulo, 1998

SALA, Ana María López: Inmigrantes y estados: la respuesta política ante la cuestión migratoria. Rubí (Barcelona). Anthropos Editorial, 2005

SANTAELLA, Lucia: Por que as comunicações e as artes estão convergindo?. Paulus. 2005

SAN MARTIN, Francisco Javier: Una estética sostenible. Arte en el final del Estado de benestar. Ed. Universidad publica de Navarra. 2007

FONTES DE PESQUISA

Teses, relatórios e informes

Anistia Internacional. España: entre la desgana y la invisibilidad. Políticas del estado español en la lucha contra el racismo. 2008

Comissão de direitos humanos da ONU. Relatório sobre a imigração na Espanha. 2004

COPPINI, Eduard Bertran: Información visual e inmigración. Tese de Doutorado na Universidad Autonoma de Barcelona. 2003

GARCÍA, Nicolás Lorite: Como miran los medios la inmigración y transmiten la diversidad. 2004

PAJARES, Miguel: Inmigración y mercado de trabajo. Informe 2008

_____Inmigración y mercado de trabajo. Informe 2007

PORTES, Alejandro; APARICIO, Rosa e HALLER, Willian: La segunda generación en Madrid – un estudio longitudinal. 2009.

Ministerio del Interior; Governo da Espanha. Balance de la lucha contra la inmigración ilegal 2008.

Ministerio del Trabajo e Inmigración. Secretaría de Estado de inmigración y emigración: Anuário estadísitico de inmigración 2006

DOMÍNGUEZ, María Isabel Sánchez; GIMENO, Alberto Sanz; REHER, David-Sven; ALCALÁ, Luís Cortés; REQUENA, Miguel; QUIÑONES, Fernando Gonzáles e STANEK, Mikolaj: Informe Encuesta Nacional de inmigrantes (ENI) 2007. Madrid. 2008

Entrevistas e artigos

BAULUZ, Javier IN COPPINI, Eduard Bertran: *Información visual e inmigración*. Tese de Doutorado na Universidad Autonoma de Barcelona. 2003

BLANCO, Cristina. Las imágenes de la inmigración en España. Apuntes en torno a una realidad que se debate entro lo real y lo imaginario. IN IGATUA, Juan José y MUÑIZ, Carlos: Medios de Comunicación, inmigración y sociedad. Ediciones Universidad de Salamanca. 2007. Salamanca, Espanha

DUCHAMP, Marcel: El proceso creativo. L'Échoppe, Paris 1987.

FABRIS, Annateresa: Dicutindo a imagem fotográfica. Fotografia contemporânea comunicação

FELGUEROSO, Florentino e JIMÉNEZ, Sergi: Sobre crisis, retrasos y reforma laboral, artigo sobre a crise econômica no jornal El País. Espanha. 22/02/2009

FORTES, Hugo: Notas sobre a fotografia alemã contemporânea. Fotografia contemporânea comunicação

HUMBERTO, Luis. Texto de abertura da galeria do fotógrafo no site Fotosite. 2006

JOUFFROY, Alain: Conversation avec Marcel Duchamp – Une révolution du regard IN PAZ, Octavio. Marcel Duchamp ou o Castelo da pureza. Editora Perspectiva. 3ª edição 2ª reimpressão. São Paulo. 2007

KOSSOY, Boris: Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. IN SAMAIN, Etienne: O fotográfico. Editora Senac. São Paulo. 2005

DIJK, Teun A. Van: Discurso racista. IN IGATUA, Juan José y MUÑIZ, Carlos: Medios

de Comunicación, inmigración y sociedad. Ediciones Universidad de Salamanca. 2007. Salamanca, Espanha

Urikiri Salaberria entrevista Valeriano Bozal Fernández, licenciado em filosofía, doctor em estética e professor de Historia del Arte Contemporáneo na Universidade Complutense de Madrid. 21/04/2006.

Exposições

COLETIVA. Nova arte nova. Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo. São Paulo. 2009

JONAS, Joan. Retrospectiva da carreira. MacBA – Museu de arte contemporânea de Barcelona. Barcelona, Espanha. 2007

OITICICA, Hélio. *Penetráveis*. Centro municipal de arte Hélio Oiticica. Rio de Janeiro. 2009

VÁRIOS. Mixed Emotions. Da2 - Domus ARtium 2002. Salamanca, Espanha. 2007

Catálogos de exposições

BORREGO, Rafael López; DIEGO, Juan Albarrán e PANERA, Javier: Catálogo de Mixed Emotions. Da2 - Domus ARtium 2002. Salamanca, Espanha. 2007.

Links

Ministerio del Trabajo e Inmigración. Secretaría de Estado de inmigración y emigración http://extranjeros.mtas.es/es/index.html

Instituto Nacional de Estatística de España http://www.ine.es/inebmenu/mnu_migrac.htm

Portal para entidades relacionadas a integração com os imigração http://www.integralocal.es/

Especial do jornal El País sobre imigração na Espanha

http://www.elpais.com/todo-sobre/tema/inmigracion/Espana/27/

Grupo de pesquisa da Universidade de Barcelona sobre migração e comunicação www.migracom.com

Campanha do governo romeno para diminuir o preconceito aos imigrantes romenos na Espanha

http://www.holasoyrumano.es/campaign

Associação dos trabalhadores e imigrantes marroquinos na Espanha http://www.atime.es/

Richard Billinghan – fotógrafo que trabalha com cotidiano http://www.designboom.com/eng/funclub/billingham.html

Joan Jonas – vídeo artista que trabalha com performances e instalações http://www.28bienalsaopaulo.org.br/project—participant/the—shape—the—scent—the—feel—of—things

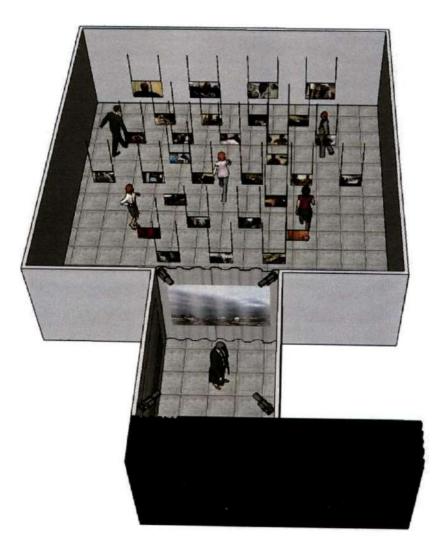
http://www.masdearte.com/item_critica.cfm?id=496&criticoid=10

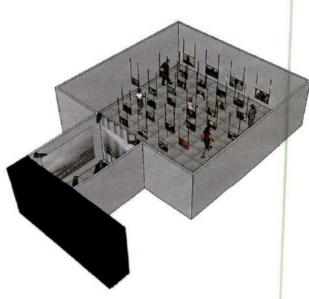
http://www.rosamundfelsen.com/jonas/index.php

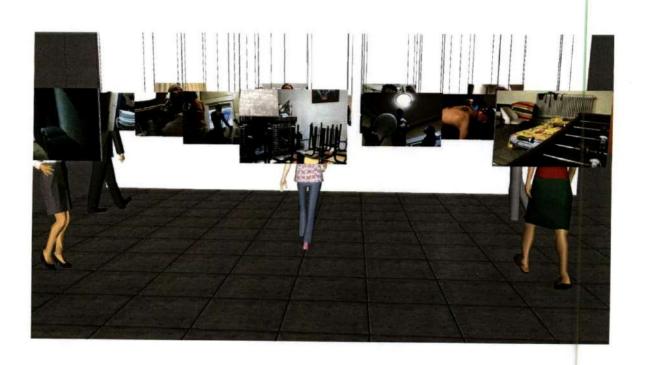
Judith Barry – vídeo artista que trabalha com performances e instalações http://www.rosamundfelsen.com/barry/index.php

Lise Sarfati – foto documental http://www.lisesarfati.com/index.shtml

PLANO MUSEOLÓGICO

















TRANSCRIÇÃO DOS AÚDIOS USADOS NO CORREDOR

Seguem abaixo os trechos das entrevistas que estariam na instalação. Além deles, também contaríamos com trechos de músicas mexicanas, hondurenhas, senegalesas, brasileiras, sendo uma delas um *parabéns para você*, e conversas entre senegaleses em poulan – umas das línguas oficiais – e em francês.

Francisca Bonifácio Silva

Eu vim. E graças a Deus não devo nada mais, e o dinheiro que eu juntei um pouquinho foi o meu mesmo da aposentadoria, porque o daqui...

Eu não sabia *hablar* nada, nada. Não entendia o que a mulher tava falando, coisa de cozinha não tem nome nenhum...

Valeu porque eu saí daquele ar ruim. (ela tinha acabado de se separar do marido de mais de dez anos de casada que a deixara por outra)

Thalita Bonifácio dos Anjos

Cheguei na cafeteria vi que ela me olhou com cara de nojo. Eu vi que ela estava receosa de alguma coisa, mas não sabia o quê. Não, não é você porque eu não gosto de negro e muito menos de imigrante ainda mais para trabalhar para mim. É a vida, isso é Espanha.

Eles estavam pedindo uma pessoa que sabia limpar, era isso que eles queriam. A moça tinha experiência, tinha *permiso* de trabalho e não deram o emprego para ela porque ela era imigrante, para mim tão pouco então!

Minha mãe venho primeiro para cá e falou que as coisas eram ruins. Ruins mesmo, que a vida não era fácil.

Eu ainda prefiro com tudo isso, eu ainda prefiro lá. Ser sincera, não como as coisas

que eu como aqui, toda semana eu tenho dinheiro na carteira e no Brasil eu vivia quebrada.

Ah, eu vou mandar para o Brasil, acontece alguma coisa. (ao falar da dificuldade em enviar dinheiro para o Brasil)

A polícia, é a polícia, sempre a polícia, então você tem que estar sempre mudando, sempre mudando. Essa vida de clandestino não dá, não dá. Você sempre gasta muito mais quando tá clandestino do que quando tá legal.

Valeu a pena pelas amizades, valeu pela experiência. Valeu a pena pela língua também que me ajudou muito e vai me ajudar muito quando eu for Brasil. E você vai com uma bagagem cheia de experiência e dinheiro não vai, vai pouco, não tanto quanto tinha que ir, mas vai ajudar.

Pode ter certeza, quando você voltar vai ter certeza de quem são os seus amigos.

Em momento algum eu vim iludida, eu pensei que era ruim, mas não era tanto, tanto, tanto mesmo, de você ter que correr atrás de trampo aqui e igual a velha chegar e falar que não ia me dar trabalho porque eu era negra e imigrante. Um absurdo, o cúmulo do absurdo. A mulher tá precisando de gente para trabalhar, pagando pouco e ainda queria exigir que fosse branca e ainda espanhola, não podia ser negra de espécie alguma. Eles detestam negros, principalmente os mais velhos.

O que mais me derrubou aqui foi o racismo.

Eu sabia que aqui ganhava duas vezes, até três vezes mais do que no Brasil. Mas eu não sabia que aqui do racismo, não sabia das humilhações, não sabia de como era a cultura do povo aqui, pensava que a cultura era algo fácil de manejar. Até o dia em que eu comprei a passagem e vim parar aqui nesse fim de mundo. Nossa, meu deus, quando a gente chega aqui, a gente chega e fica parecendo cachorro que caiu da mudança, você não sabe o que você faz, não sabe o que você fala. E as pessoas te olham na rua, é muito estranho, muito estranho... Você não se sente bem, mas aí vai acostumando com o ambiente, com as pessoas, com o dinheiro.

Eu pus no jornal e quando foi o outro dia recebi uma ligação. Falei, opa, emprego! Até

era emprego mesmo, só que era programa. Una chica negra, brasileña, me gusta mucho, yo tengo uns propuesta, te pago trinta minutos cem euros. Sendo que as prostitutas mesmo ganham cinquenta euros meia hora. Eu ia ganhar o dobro se eu quisesse... Sem te conhecer eles te cantam por telefone, falam que você é gostosa, que as chicas brasileiras são as mais quentes. Aqui na Espanha as chicas brasileiras são as mais famosas que existem no mundo... A gente é falada na Europa inteira. Que as negras são as melhores. É desse jeito que o senhor me falou, e sabe quantos anos que ele tinha? Sessenta e cinco. E tava fazendo proposta para fazer programa com ele.

¿Quieres hacer um programa conmigo? Te pago docentos euros una hora. É assim, umas propostas bem indecentes mesmo. Pensar, nossa uma hora vou trabalhar e ganhar o que eu levo quase o mês inteiro para ganhar que é duzentos euros. Em uma hora. É por isso que tem muita prostituta, elas ganham a vida fácil.

Festa dos brasileiros

É nós na Espanha

Pascoal Batiliere

Não sabia nada. Mas você aprende, tem nada, tudo tem que aprender.

Marcelo Richard F. Rosa

Tem né, mas é uns documentos borrachudos. Tive que mandar fazer, pagar trezentos euros para fazer.

Tem uns amigos que foi preso e tal. A polícia invadiu lá e tudo. Aí quem tava lá a polícia levou e todo mundo aqui ficou com medo.

Igual quando você tá lá, você só pensa pelo lado do dinheiro, pensa só no dinheiro. E

na hora que chega aqui você vê que você precisa de dinheiro para viver, mas não é tudo.

O mais difícil foi ficar longe. Longe dos seus amigos, longe dos seus parentes.

A gente não devia ter vindo para Salamanca, porque Salamanca é uma cidade pequena. A gente devia ter ido para uma cidade maior...

Aqui faz mais calor do que no Brasil.

Queria gritar bem alto. Quero é pegar um ônibus, ir embora de ônibus que eu quero ir andando a pé para casa. Ficar olhando a rua, e tal. Gostaria de gritar bem e começar a chorar, mas como não vai ter ninguém lá chorar sozinho é ruim, se tivesse alguém para chorar comigo.

Não aprendi muito, devia ter aprendido mais. É claro que eu entendo o que os outros falam, mas falar assim é só um pouco.

É como se eu estivesse no Brasil. Eu tô andando, vou na Casa de las Conchas e nossa, parece que eu tô em Uberlândia tem hora aqui.

Quando eu tava desempregado eu já tentei virar garoto de programa, mas não tive coragem. Até cheguei a colocar anúncio. Tava desesperado, não tinha dinheiro para nada, vida própria... e tava cansado já de ficar sem dinheiro. Nunca imaginei que eu ia fazer isso.

Essa semana duas pessoas perguntaram se eu tinha droga para vender, me dá uma raiva. O povo acha que é bobo o que deve ter de polícia civil disfarçada por aqui.

Luis Olivas

Tiene un sabor diferente, se cocina diferente ¿sabes? Arroz, pescado, todo lo normal. Es una ciudad tranquila.

Alion Bah

Salamanca, no tines papeles no tienes problema. Se puede trabajar ¿sabes?

Souleywane Mawailore Kane

Mi madre, y mi hermano que está aquí. Aquí mi familia. Estoy aquí con mi hermano y un amigo. Mi mama y su hermana. Estoy aquí con un amigo, mi amigo está aquí con una fiance (como se fosse a sua prometida, a mulher com deve se casar) y la gente que traen los piezas con nosotros. Yo, amigo, amiga. (Kane vai identificando as pessoas que estão no seu álbum de retrato)

Yo tengo mi tradición.

Cosa de maricones ¿Cómo se llama? Lesbianas, o maricones o esas cosas... un hombre con un hombre y una mujer con una mujer casi no hay.

A mí me gusta la gente. Y me gusta tomar algo con la gente, y hablar, lo que llamamos distracción. Me gusta la cultura.

Tu país es siempre tu país.

••••••••••••••••••

FICHA DOS PERSONAGENS

| | Ö := | | o . | ம ம் |
|---------------------------------------|--|------------------------------|---|--|
| Observações | Foi para acompanhar uma amiga depois da separação com o marido. Depois de um tempo foi o filho, e a filha com o marido. | | Se arrepende de ter ido, não pelo dinheiro | Passou uma noite na cadeia por dividir apartamento com um homem que deu golpe em bancos da España e fazia documentos falsos. |
| Do que mais sente saudades? | Família e irmãs | Família e amigos | Família, amigos e de toda a vida que tinha | Família |
| Quando quer voltar ao seu país? | O mais rápido possível | Em 2010 | Voltou em 28/04/2008 | Em três anos (2011) |
| Trabalha? Em que? | Faxineira / limpeza | Construção | Construção | Construção |
| Documentos espanhóis? | N ão | Sim (falsos) | Não | Falsos |
| Tempo em Salamanca | 01 ano e 10 meses | 06 meses | 10 meses | 05 meses |
| Tempo na España | 01 ano e 10 meses | 01 ano | 10 meses | 06 meses |
| País de origem | Brasil - Uberlândia MG | Brasil - Uberlândia MG | Brasil - Uberlândia MG | Brasil - Uberlândia MG |
| Idade | 58 anos | 24 anos | 20 anos | 22 anos |
| Nome completo | Francisca Bonifácio Silva | Gubere Segatt | Marcelo Richard F. Rosa | Pascoal Batiliere |

| (| | | | | |
|--|----------------------------------|-------------------------------------|--|---|---|
| Não gosta da España; está só pelo dinheiro | Já tem namorada espanhola | | Trabalhou como babá um tempo, e depois não conseguiu mais um trabalho "fixo". | Já tinha um amigo em Salamanca | |
| Filha de quatro anos | Amigos | Família e liberdade no Brasil | Liberdade e o país em si | Família, principalment e a esposa | Familia |
| Está só para trabalhar e juntar dinheiro. | Só a passeio | Em um ano (maio de 2009) | O mais rápido possível. Provavelment e em junho de 2008 | Em 2009 | Voltou em maio para legalizar, e pretende poder voltar de vez em 2015 |
| Montador de secadores de jamón | Fabricação de metal | Condutores de ventilação | Faxineira / limpeza | Agricultura / pastor | Agricultura / pastor |
| Sim | Falsos | Não | Não | Sim | N sa o |
| 01 ano | 01 ano | 09 meses | 09 meses | 08 meses | 01 ano e 06 meses |
| 01 ano e 02 meses | 01 ano | 09 meses | 09 meses | 08 meses | 01 ano e 06 meses |
| Brasil - Uberlândia MG | Brasil - Uberlândia MG | Brasil - Uberlândia MG | Brasil - Uberlândia MG | Bolívia - Santa Cruz | Bolívia - Sucre |
| 23 anos | 20 anos | 21 anos | 23 anos | 43 anos | 25 anos |
| Paulo Henrique Silva | Raphael Bonifácio do Anjos | Robson Carlos Guedes | Thalita Bonifácio dos Anjos | Eleotério Alvis Tirado | Militon Cabrera |

•••••••

1

••••••••••

.....

| | | | | , | |
|--|---|---|----------------------------------|--|-------------------------------|
| | Graduado em Ciências Sociais em Honduras | | | A måe também está em Salamanca, mas vive na paróquia. En Tanger tem o pai e uma irmã. | |
| Família | Comida e família | Familia | Esposa | Familia | Família |
| Em sete anos (2015) | Se pudesse, agora mesmo | Não sabe quando | Só a passeio | A passeio em julho de 2008 | Quando tenha papéis |
| Agricultura / pastor | Agricultura / pastor | Limpa cristais | Construção | Só como garçom durante as festas da cidade | Construção |
| Sim | Não | Sim | Não | Não | Não |
| 08 meses | 07 meses | 03 anos (antes em Aimerteros) | 09 meses (cinco em Málaga) | 01 ano e pouco | 11 meses (um em Málaga) |
| 01 ano | 07 meses | 04 anos | 01 ano e 04 meses | 02 anos e pouco | 01 ano |
| Bolívia | Honduras - Danli | Honduras - San Pedro Suta | Marrocos - Laaydune | Marrocos - Tanger | Marrocos - Marrakech |
| 27 anos | 21 anos | 19 anos | 30 anos | 15 anos | 18 anos |
| Roberto Carlos Valduz Ramiroz | Luis Olivas | Jonny Alexander Arteaga Bautista | Abdelkrin Bduhafar | Charal Benkhadat | Ismael Labzoua |

••••••••••••••••••

| | (4) | | |
|---------------------------------|--------------------|---|---|
| | | | Graduado em direiro no Senegal |
| Família | Família | Mulher e casa | Amigos e família |
| Só a passeio | Em 2009 | Em quatro anos (2012) | Em 2009, porém só a passeio |
| Agricultura / pastor | Construção | Agricultura / Em quatro pastor anos (2012) | Agora não, antes na industria de carne |
| Não | Sim | Não | Sim |
| 03 anos, aproximada mente | 05 anos | 01 ano | 01 ano |
| 03 anos, aproximada mente | 06 anos | 01 ano e 04 meses | 01 ano e 04 meses |
| Marrocos - Tanger | Senegal - Dakar | Senegal - ST Louis | Senegal - Dakar |
| 22 anos | 26 anos | 22 anos | 27 anos |
| Mohamed El Mektini | Alion Bah | Cheikh Tidiane Nymer | Souleywane Mawailore Kane |